



# Rastros históricos e geolinguísticos da unidade lexical 'peteca' em territórios indígenas e não indígenas de Pernambuco

Historical and geolinguistic traces of the lexical unit 'peteca' in indigenous and non-indigenous territories of Pernambuco

Edmilson José de Sá

<http://orcid.org/0000-0002-1615-881X>

**Resumo:** Este estudo investiga a distribuição, os significados e as motivações históricas associadas à unidade lexical peteca em Pernambuco, a partir de dados dos atlas linguísticos do Estado e do corpus emergente do Atlas Linguístico de Áreas Indígenas do Agreste e Sertão. Fundamentado nas contribuições de Cardoso (2010) e Thun e Elizaincín (2000) sobre Geolinguística e Dialectologia, busca-se compreender a variação diatópica da lexia, enquanto a Etnolinguística, com base nos pressupostos de Duranti (1997), possibilita a identificação de aspectos culturais e históricos que respaldam a análise em territórios indígenas e não indígenas. Nesse sentido, o objetivo principal é examinar as marcas do contato interétnico e os processos de natureza lexical. Para tanto, a metodologia emprega um enfoque geolinguístico e etnolinguístico, combinando a análise cartográfica da dispersão do termo com o estudo do contexto sociocultural dos pontos de inquérito investigados. Como perspectivas de análise, espera-se identificar traços diacrônicos na distribuição do item lexical, evidenciar substratos indígenas na sua constituição semântica e compreender os efeitos da territorialidade sobre sua manutenção e inovação lexical. Entre os principais resultados obtidos, destaca-se a predominância da variante peteca para designar “estilingue” em comunidades quilombolas e indígenas, sugerindo forte manutenção de substratos tupi-guarani. Os dados revelam ainda que, enquanto variantes como estilingue e baladeira predominam em regiões leste e oeste, peteca mostra ampla distribuição na faixa central do Estado, estendendo-se até a Região Metropolitana do Recife. A coocorrência de formas em áreas de transição confirma a complexidade da rede dialetal local. Ao evidenciar a diversidade lexical e os efeitos da territorialidade sobre a inovação semântica, este trabalho reforça a importância dos atlas linguísticos na documentação e valorização do patrimônio linguístico brasileiro, sobretudo em contextos historicamente marcados pela interculturalidade.

**Palavras-chave:** Léxico. Peteca. Pernambuco. Marcas históricas. Territórios Indígenas e Não-indígenas

**Abstract:** This study investigates the distribution, meanings, and historical motivations associated with the lexical unit "peteca" in Pernambuco, based on data from the state's linguistic atlases and the emerging corpus of the Linguistic Atlas of Indigenous Areas of Agreste and Sertão. Grounded in the contributions of Cardoso (2010) and Thun and Elizaincín (2000) on Geolinguistics and Dialectology, it seeks to understand the diatopic variation of the lexeme, while Ethnolinguistics, based on Duranti's (1997) assumptions, enables the identification of cultural and historical aspects that support the analysis in indigenous and non-indigenous territories. In this sense, the main objective is to examine the marks of interethnic contact and lexical processes. To this end, the methodology employs a geolinguistic and ethnolinguistic approach, combining the cartographic analysis of the term's dispersion with the study of the sociocultural context of the investigated survey points. As analytical perspectives, it is expected to identify diachronic traces in the distribution of the lexical item, highlight indigenous substrates in its semantic constitution, and understand the effects of territoriality on its maintenance and lexical innovation. Among the main findings, the predominance of the variant peteca as a designation for “estilingue” in quilombola and indigenous communities stands out, suggesting the preservation of Tupi-Guarani substrata. The data also show that while variants such as estilingue and baladeira dominate the eastern and western regions, peteca exhibits a broader distribution throughout the central zone of the state, extending into the Metropolitan Region of Recife. The coexistence of different variants in transitional areas confirms the complexity of the local dialect network. By highlighting lexical diversity and the effects of territoriality on semantic innovation, this study reinforces the importance of linguistic atlases in documenting and valuing Brazil's linguistic heritage, particularly in historically intercultural contexts.

**Keywords:** Lexicon. Peteca. Pernambuco. Historical Marks. Indigenous and Non-indigenous Territories.



## INTRODUÇÃO

A língua portuguesa falada no Brasil carrega em sua constituição marcas históricas que revelam o processo de formação do português brasileiro, especialmente no que tange às contribuições dos povos indígenas, sobretudo, para o léxico.

Nesse contexto, a presente pesquisa se debruça sobre a distribuição geográfica e as motivações semânticas e histórico-culturais associadas ao item lexical 'peteca' no Estado de Pernambuco, utilizando os dados provenientes dos atlas linguísticos que contemplam o Estado e do *corpus* em desenvolvimento do Atlas Linguístico de Áreas Indígenas do Agreste e Sertão Pernambucano.

O objetivo central desta pesquisa é examinar as marcas do contato interétnico presentes na utilização e distribuição da referida unidade lexical, notadamente de étimo indígena, buscando identificar os processos de manutenção, inovação ou substituição lexical nas diferentes regiões estudadas. Este objetivo se desdobra na investigação dos traços diacrônicos presentes na distribuição espacial do termo e na análise dos substratos indígenas que compõem sua constituição semântica.

O arcabouço teórico desta investigação fundamenta-se principalmente nas contribuições de Cardoso (2010) e Thun (2000) no campo da Geolinguística e Dialetoлогия, que fornecem as bases para a compreensão da variação diatópica envolvendo o item lexical estudado. Complementarmente, os pressupostos teóricos da Etnolinguística sob os auspícios de Duranti (1997) oferecem suporte para a análise dos aspectos culturais e históricos presentes nas comunidades investigadas.

A metodologia adotada conjuga duas perspectivas complementares: a abordagem geolinguística, que permite verificar o mapeamento do termo no território pernambucano, e a perspectiva etnolinguística, que possibilita a compreensão do contexto sociocultural dos pontos de inquérito selecionados. Essa articulação metodológica visa a garantir uma análise que contemple tanto os aspectos espaciais, quanto culturais que envolvem as ocorrências para o item estudado.

A relevância do estudo proposto se manifesta em sua contribuição para a compreensão dos processos de formação e transformação do léxico brasileiro,

especialmente no que diz respeito às influências indígenas. Além disso, a pesquisa colabora para a documentação e preservação do patrimônio linguístico nacional, evidenciando a importância dos atlas linguísticos como instrumentos de registro da diversidade linguística brasileira.

Os resultados esperados desta investigação visam à identificação de padrões de distribuição espacial que refletem processos históricos de contato linguístico, bem como para a compreensão das diferentes camadas semânticas que se sobrepõem no uso contemporâneo do termo 'peteca' em diferentes contextos socioculturais de Pernambuco.

## GEOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA: DO MAPEAMENTO TERRITORIAL À PLURIDIMENSIONALIDADE NOS ESTUDOS DA VARIAÇÃO

A Dialectologia e a Geolinguística são campos fundamentais da Linguística que investigam a variação linguística no espaço e no tempo. A Dialectologia, com raízes no final do século XVIII, inicialmente se concentrou na descrição de dialetos em nível local, sem um método cartográfico sistemático. Segundo Pop (1950), antes desse período, os estudos linguísticos estavam mais focados na formação da língua literária e na evolução histórica das línguas.

A Geolinguística surge posteriormente como uma vertente da Dialectologia, incorporando a cartografia linguística para representar graficamente as variações diatópicas. Meillet (1929, p. 200) enfatiza que "não há nenhuma história da língua sem uma dialectologia e especialmente sem uma geografia linguística completa e bem estabelecida". Essa metodologia tornou-se essencial para a criação de atlas linguísticos, que documentam as variantes dialetais em diferentes regiões.

No século XIX, a Dialectologia consolidou-se como um campo autônomo com a publicação de obras como a fundação da revista *Archivio Glottologico Italiano* por Graziadio Isaia Ascoli, em 1889, e o *Atlas Linguistique de la France* (1900), de Jules Gilliéron. Ascoli foi um dos primeiros a defender a Dialectologia como uma disciplina independente dentro da ciência da linguagem.

No século XX, a Geolinguística se estabeleceu como uma metodologia essencial para a Dialectologia, impulsionada pela produção de atlas linguísticos nacionais e regionais. No Brasil, a criação do *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB) (Cardoso *et al.*, 2014) foi um marco, possibilitando o registro das variedades do português falado no país. O levantamento de dados dialetais por meio de

inquéritos e entrevistas permitiu a construção de cartas linguísticas que refletem essa diversidade. Sobre a importância dos atlas, Salvador (1980, p. 56) ressalta que:

[...] se eles são construídos, sem pouco esforço, com mais trabalho e contrariedades do que seu uso agora requer, é para alguma coisa, eu digo. Eu acho que, talvez por causa das partes interessadas, nem os estudiosos acadêmicos, nem os estudantes de doutoramento inexperientes podem se dar ao luxo de ignorá-los, embora estes tenham mais facilidades de organizá-los do que aqueles (tradução do autor)<sup>1</sup>. (Salvador, 1980, p. 56)

A partir do Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático do Uruguai (ADDU) (Thun; Elizaincín, 2000), a Dialetologia contemporânea ampliou suas abordagens, incorporando a análise pluridimensional. Essa perspectiva considera não apenas fatores geográficos (diatópicos), mas também elementos sociolinguísticos, como idade (diageracional), gênero (diagenérico) e nível socioeconômico (diastrático). Assim, os estudos geolinguísticos passaram a oferecer um retrato mais dinâmico da variação linguística.

Outro avanço metodológico foi a introdução da Dialetologia Estrutural, proposta por Weinreich (1954, p. 390). Para ele, "a dialetologia seria a investigação de problemas que surgem quando sistemas diferentes são tratados juntos por causa de sua semelhança parcial". Esse enfoque permitiu uma análise mais precisa das isoglossas, ou seja, as fronteiras entre diferentes áreas dialetais.

No Brasil, os atlas linguísticos estaduais, como o *Atlas Linguístico de Pernambuco* (ALiPE) (Sá, 2013), exemplificam a aplicação da Geolinguística como método de documentação da variação regional. Esse trabalho, baseado na metodologia do ALiB, documenta as variações fonéticas, lexicais e morfossintáticas do estado de Pernambuco, incluindo aspectos culturais locais, como o vocabulário associado ao frevo e ao maracatu.

Além da descrição geolinguística, os estudos dialetológicos possibilitam reflexões sobre identidade e pertencimento. Como destaca Cardoso (2010), a língua reflete a diversidade cultural e demográfica de uma região, sendo influenciada por fatores históricos e pelo contato com outras línguas.

---

<sup>1</sup> I si se han hecho, con no poco esfuerzo, con mayores ajetreos y sinsabores de los que su uso ahora requiere, es para algo, digo yo. Me parece —tal vez por ser parte interesada— que ni los doctos académicos ni los bisoños doctorandos se pueden permitir el lujo de ignorarlos, aunque a los segundos les pueda resultar más fácil moverlos que a los primeros.

Os atlas linguísticos também desempenham um papel essencial nas políticas linguísticas e educacionais, promovendo um ensino de línguas mais inclusivo e respeitoso com as identidades regionais. A esse respeito, Thun e Elizaincín (2000) argumentam, ainda, que os atlas da nova geração devem integrar múltiplos fatores para oferecer um panorama mais realista das variações linguísticas.

Por todas essas questões, a Dialectologia e a Geolinguística continuam sendo áreas relevantes para a compreensão da dinâmica das línguas no espaço e no tempo. Seus estudos não apenas registram a diversidade linguística, mas também contribuem para a valorização da cultura regional e para a preservação da memória linguística das comunidades.

## O SOCIAL E O CULTURAL NA LINGUÍSTICA

A variação linguística, um fenômeno inerente a todas as línguas naturais, reflete a diversidade sociocultural das comunidades de fala e pode ser analisada sob diferentes perspectivas. Segundo Labov, Herzog e Weinreich (2006), esse processo de heterogeneidade nas línguas é condicionado por fatores internos e externos ao sistema linguístico, sendo o contato entre diferentes grupos sociais um dos principais motores da mudança linguística.

Considerando, então, que a variação linguística está intimamente ligada à estrutura da sociedade e às relações entre os falantes, concorda-se com Silva-Corvalán (1989) quando afirma que a língua reflete as diferenciações internas da sociedade, sendo moldada por fatores como classe social, escolaridade e idade e pode ser percebida tanto na fonética quanto no léxico e na morfossintaxe, uma vez que diferentes grupos adotam variantes específicas em sua fala cotidiana. Essa variação é particularmente evidente nas diferenças entre a fala urbana e rural, bem como na estratificação linguística entre os distintos níveis educacionais.

Convém mencionar que o gênero dos falantes também desempenha um papel relevante na variação linguística. Estudos clássicos, como os de Labov (1972), indicam que as mulheres tendem a utilizar formas linguísticas mais conservadoras e próximas da norma culta, enquanto os homens apresentam maior propensão ao uso de variantes inovadoras. É por esse motivo que a escolha linguística está frequentemente associada a fatores identitários e sociais, o que

pode ser observado, por exemplo, na preferência de determinados grupos por construções sintáticas e fonéticas específicas. Assim, tomando como parâmetros a escolarização e a padronização linguística, estudos nessa perspectiva laboviana apontam para uma variedade frequentemente utilizada como um instrumento de poder, marginalizando variantes populares e regionais.

No que diz respeito à variação cultural, a Etnolinguística ou Antropologia Linguística, como defende Duranti (1997), oferece importantes ferramentas para a compreensão do fenômeno. Como campo de investigação científica, estabelece uma ponte fundamental entre os estudos linguísticos e antropológicos, buscando compreender as relações intrínsecas entre língua, cultura e sociedade.

De acordo com Calame-Griaule (1987), a linguagem está profundamente enraizada na visão de mundo dos falantes, refletindo suas crenças, práticas e relações sociais. No português pernambucano, por exemplo, conforme encontrado em Sá (2013), é possível observar fortes influências afro-indígenas, a exemplo de termos originários do tupi, como *carcará*, *jacá*, *jaritaca*, *saruê* e *trapiranga*, e do quimbundo, como *banguê* e *capemba*, que comprovam a permanência desses contatos linguísticos na história do Estado.

Em comunidades bilíngues, a alternância de códigos e a incorporação de empréstimos linguísticos são fenômenos comuns ou em contato com outras variedades linguísticas. Hymes (1974) define esse processo como etnografia da fala, enfatizando que o contexto comunicativo e a interação social são determinantes na escolha das formas linguísticas utilizadas pelos falantes.

A respeito da etnografia da fala, Bauman e Sherzer (1975, p. 95) ressaltam a necessidade de identificar:

[...] a natureza e a fonte dessa distinção, tanto contrastando a abordagem da etnografia da fala com aquelas de linhas de investigação relacionadas dentro da antropologia linguística, quanto especificando as preocupações particulares e duradouras da própria etnografia da fala (tradução do autor)<sup>2</sup> (Bauman e Sherzer, 1975, p. 95).

Assim, a interação entre diferentes grupos sociais e culturais resulta em uma constante reelaboração do repertório linguístico, sendo possível identificar traços característicos nas variantes faladas em diferentes regiões do estado.

---

<sup>2</sup> the nature and source of this distinctiveness, both by contrasting the approach of the ethnography of speaking to those of related lines of inquiry within linguistic anthropology and by specifying the particular undedying concerns of the ethnography of speaking itself

Nessa mesma perspectiva, Sapir (1921) argumenta que a linguagem não é um fenômeno isolado, mas um reflexo das interações culturais e históricas de um povo, o que resulta numa mudança linguística. Analogamente, Tarallo (1986) explica que a análise da variação linguística ao longo das gerações permite identificar padrões de mudança em progresso, uma vez que determinadas variantes antes restritas a grupos específicos passam a ser amplamente adotadas pela população, evidenciando a evolução da língua em resposta às transformações sociais e culturais.

Além disso, a relação entre linguagem e identidade cultural, ao ser tratada por Milroy e Gordon (2003), permite confirmar que a língua não apenas reflete, mas também constrói identidades sociais, sendo utilizada pelos falantes como um marcador de pertencimento a determinados grupos.

### CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS SOBRE A UNIDADE LEXICAL PETECA

A "peteca", objeto lúdico e esportivo profundamente arraigado na cultura brasileira<sup>3</sup>, apresenta uma etimologia que remonta às línguas indígenas do tronco tupi. Segundo Navarro (2013), o termo deriva de "pe'teka", que, em tupi, significa "bater com a mão", evidenciando a relação entre a nomenclatura e o modo de utilização desse artefato cultural, demonstrando, assim, como os povos originários contribuíram não apenas com o objeto em si, mas também com sua denominação, que persistiu através dos séculos no português brasileiro. Para Salles, Motta e Pereira Jr. (2005), a "peteca" surgiu como um jogo tradicional de indígenas da Região Centro-Sul do Brasil. Os autores ainda mencionam que alguns historiadores sugerem que esse jogo já estava presente na cultura dos indígenas brasileiros, mesmo antes da chegada dos portugueses. Inclusive Sobierajski (1999, p. 78) ratifica a origem indígena mencionando que:

[...] foi encontrada entre os índios a "bola de palha de milho" ou "papa de palha de milho" ou simplesmente "peteca", que era um chumaço de palha de milho amarrado, formando uma base para ser rebatida pela palma da mão, enfeitada com uma pena de ave. A peteca era jogada individualmente, ganhando quem a rebatesse o maior número de vezes,

---

3 Convém mencionar que, em Pernambuco e em outros estados do Nordeste, a 'peteca' é uma denominação para a bolinha de vidro (ver análise geolinguística), não tendo, portanto, a mesma aplicação para o peso com penacho, como é registrado em documentos históricos e nas variantes do jogo pelo mundo, mencionadas no quadro 1.

ou em conjunto, organizados os disputantes em roda e vencendo o último do grupo a não deixá-la cair (Sobierajski, 1999, p. 78).

Essa técnica que envolvia o uso de palha de milho para a base e penas de aves para a parte superior é mencionada por Cascudo (2001, p. 711), que faz referência ao brinquedo em textos publicados no século XIX, a exemplo do jornal *América Ilustrada*, de 1872, que cita "O Cazuzza aos trambolhões andava como peteca". Da mesma forma, Lyra Filho (1973, p. 175) menciona uma descrição feita por Antonio Carmelo, em 1883, em que "a espaço, ouviram-se palmadas fortes, como se fossem bolas; assustei-me. Eram alunos que disputavam uma partida de peteca, com vigor e entusiasmo".

Essa técnica de manufatura, transmitida por gerações, sofreu modificações ao longo do tempo, especialmente com a industrialização do brinquedo no século XX, mas manteve suas características essenciais de construção. O quadro 1, na sequência, apresenta algumas denominações para o jogo em outros países:

Quadro 1: Denominações de estilingue pelo mundo

Denominação	País	Conceito	Referência
Shuttlecock	Reino Unido	Um pequeno objeto leve com uma extremidade arredondada à qual penas reais ou artificiais são fixadas, que é golpeado sobre a rede no jogo de badminton <sup>[1]</sup> .	Cambridge (2011)
Peteca	Espanha	pequena bola, coberta de penas, que é lançada ao ar com a palma da mão.	Asensio (2001)
Volant	França	Bola do 'badminton'	Collins (2005)
Federball	Alemanha	Badminton (informal)	Randon House (1997)

Hanetsuki	Japão	Hane são plumas, penas que antigamente eram presas em frutos de Mukuroji (saboneteira indiana) confeccionando um objeto de arremesso, semelhante à peteca, rebatido com Hagoita, uma raquete no formato de um pequeno remo. A brincadeira de Hanetsuki é típica das festas de Oshougatsu e pode ser realizada com duas ou mais participantes.	Nomiso (2022)
-----------	-------	---	---------------

Fonte: Organização do autor

A transformação da "peteca" de brincadeira popular em esporte regulamentado ocorreu gradualmente durante o século XX. Segundo Salles, Motta e Pereira Jr. (2005), *in limine*, "peteca" surgiu como recreação e aquecimento para nadadores da equipe brasileira que participou dos V Jogos Olímpicos de Antuérpia, Bélgica. Na ocasião, parece que o objeto despertou o interesse de atletas e treinadores de outras nações que presenciaram a novidade brasileira. Além disso, durante sua estadia no Rio de Janeiro em 1936, o professor de ginástica alemão Karlhans Krohn se encantou com o jogo de peteca.

Após seu retorno à Alemanha, o professor passou a promover o novo esporte sob o nome de *indiaca*, denominação essa que permanece em uso até os dias de hoje, tendo sido inclusive incluída no dicionário Brockhaus. Tal registro lexicográfico identifica a *indiaca* como um jogo tradicional dos povos indígenas do Brasil. Nada obstante, o primeiro campeonato oficial de peteca foi realizado em Belo Horizonte, em 1987, marcando o início de sua institucionalização como modalidade esportiva.

## A PETECA NOS ESTUDOS GEOLINGUÍSTICOS

Nesta seção, aprofunda-se a análise da distribuição e dos significados da unidade lexical "peteca" sob a ótica da Geolinguística. Para tanto, serão examinadas as ocorrências em âmbito nacional, com base nos dados do ALiB (Cardoso *et al.*, 2014); a variação a partir dos atlas linguísticos urbanos de Pernambuco, concentrando-se na variação regional do termo no estado de Pernambuco, utilizando dados do atlas linguístico estadual e os de pequeno

domínio, além do uso e da distribuição da unidade lexical em comunidades tradicionais – quilombolas e indígenas –, revelando particularidades sociolinguísticas e culturais.

### Dados do Atlas Linguístico do Brasil

De acordo com a carta 18 do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) (Cardoso *et al.*, 2014), observa-se a distribuição das denominações utilizadas nas capitais brasileiras para se referir ao brinquedo conhecido popularmente como "bolinha de gude" – as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar.<sup>4</sup>

A carta revela a variação lexical em diferentes regiões do país, destacando que a unidade lexical "peteca" tem predominância significativa na maioria das capitais do Norte e se distribuindo nos Estados do Maranhão e Piauí no Nordeste, enquanto nos demais Estados dessa região até a Região Sul há uma concorrência maior com outras denominações, como 'bola', 'bola de gude' e 'bola de vidro'. Essa distribuição indica que, embora a lexia "peteca" seja reconhecida nacionalmente, ela não é universalmente adotada em todas as regiões. A figura 1 oferece uma compreensão da distribuição de "peteca" nas capitais do país em detrimento das demais variantes.

10

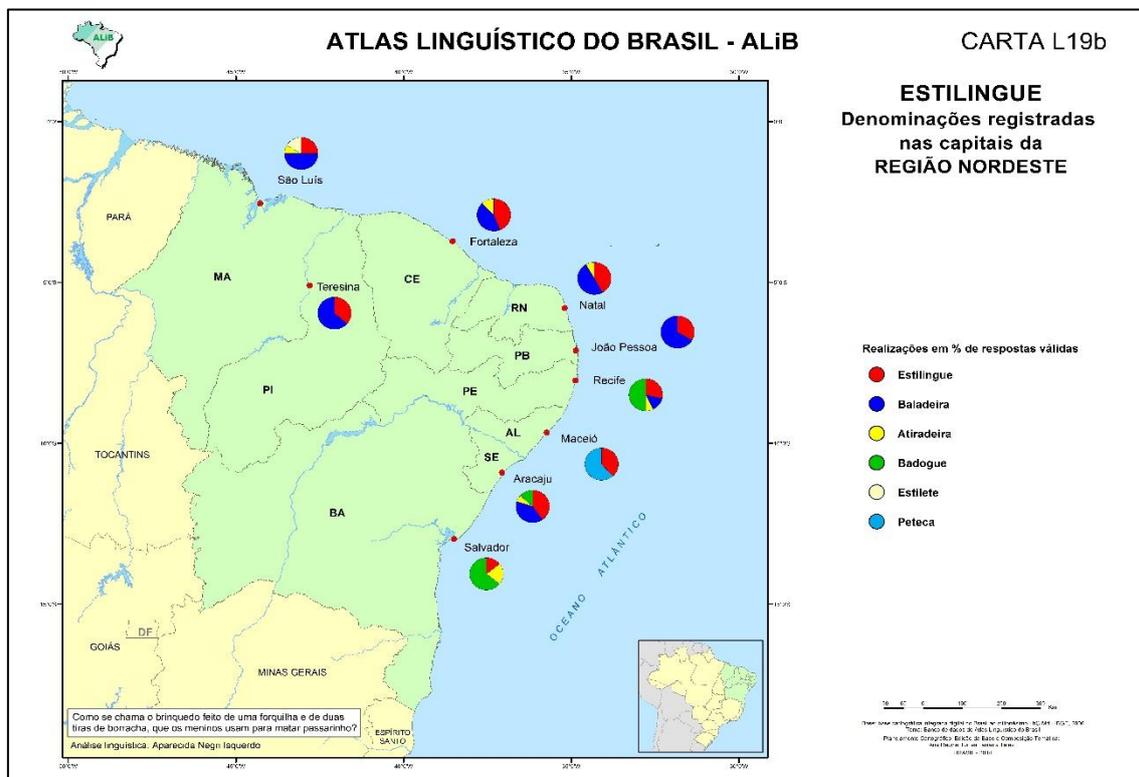
---

4 Trata-se do conceito esperado pela resposta à pergunta do Questionário Semântico-Lexical do ALiB, (QSL156), aplicada aos informantes desse e de outros projetos de pesquisa geolinguística. Os conceitos apontados nas próximas análises também foram propostos a partir das perguntas do mesmo questionário.



item lexical ainda desempenha um papel significativo na designação do artefato, como se observa na figura 2:

Figura 2: Carta L19b – estilingue no ALiB



Fonte: Cardoso *et al.* (2014)

Recife, capital de Pernambuco, mostra-se como um espaço de contato entre diferentes variantes, refletindo a diversidade linguística característica da cidade. A análise do ALiB sugere que não há um termo absolutamente dominante na capital pernambucana, mas sim uma convivência entre várias denominações, o que pode ser resultado da confluência de tradições lexicais trazidas por migrantes de outras partes do estado e da região<sup>5</sup>. Esse fenômeno também pode estar associado ao impacto da escolarização e da mídia, que tendem a difundir termos mais padronizados, como "estilingue", em detrimento de variantes regionais como "peteca" ou "badogue".

A presença da variante "peteca" na capital de Alagoas como sinônimo de "estilingue" pode ser explicada pelo processo de reanálise semântica, no qual uma palavra com um significado consolidado passa a designar outro objeto com base em semelhanças funcionais ou estruturais. A peteca tradicional e o estilingue

<sup>5</sup> Ver seção posterior sobre a variação da "peteca" em estudos de atlas linguísticos no falar pernambucano.

compartilham a ideia de impulsão e lançamento, o que pode ter motivado a associação lexical. No entanto, essa extensão de sentido não se deu de maneira uniforme, algo perceptível em alguns estados e praticamente ausente em outros.

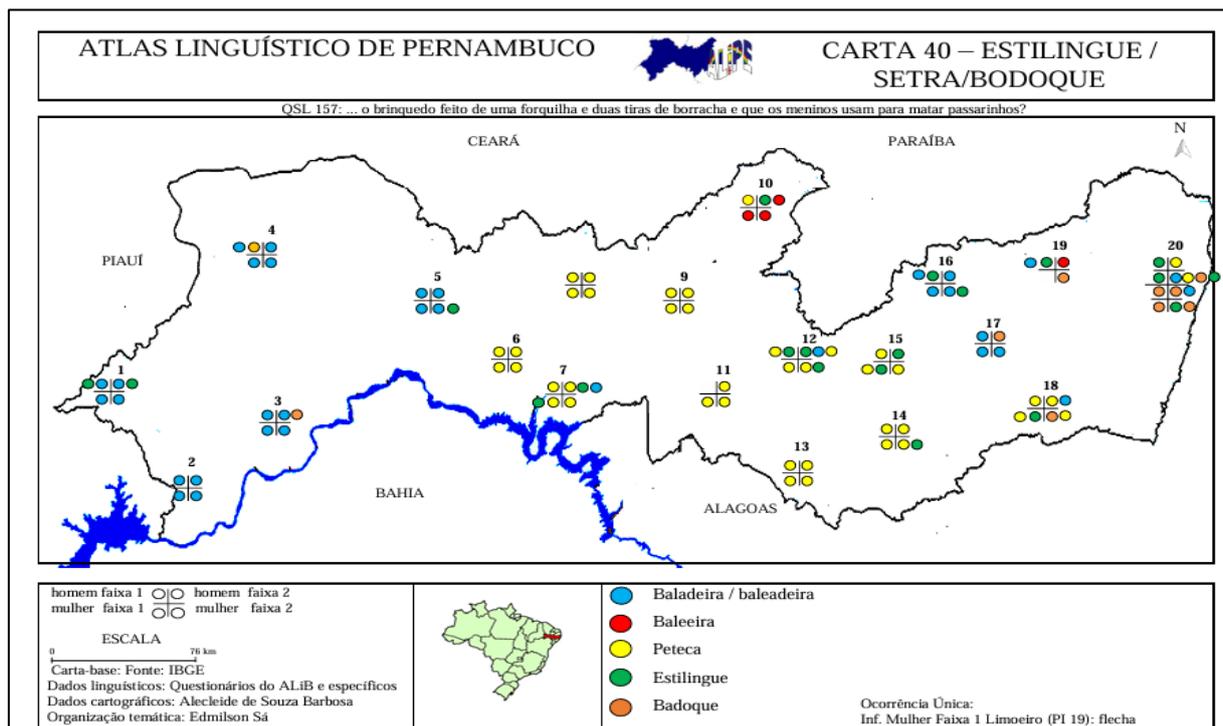
### A unidade lexical em Pernambuco a partir dos atlas linguísticos urbanos de Pernambuco

Em Pernambuco, a unidade lexical "peteca" assumiu o sentido de "estilingue", o 'brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha e que os meninos usam para matar passarinhos' (QSL 157).

Para compreender os limites em que a variante foi registrada em Pernambuco, foi feito um levantamento nos atlas linguísticos que envolveram pontos de inquéritos urbanos como o Atlas Linguístico de Pernambuco (Sá, 2013), apresentando a variação no Estado, e os trabalhos de pequeno domínio, como o Atlas Linguístico da Pedra (Silva, 2018) e o Atlas Linguístico Bidimensional do Sertão do Pajeú de Pernambuco (Sá *et al.*, 2019).

A carta 40 do Atlas Linguístico de Pernambuco cartografou as variantes lexicais para "estilingue/atiradeira/bodoque" no Estado. Observando a distribuição das variantes, nota-se um padrão geolinguístico bastante expressivo, que pode ser vislumbrado na figura 3:

Figura 3: Carta 40 – estilingue/setra/bodoque no ALiPE



Fonte: Sá (2013)

Afluentes: Revista de Letras e Linguística, Bacabal, v. 10, n. 27, p. 01-23, jan/jul. 2025

A variante "baladeira" demonstra forte predominância na região oeste do Estado, principalmente nas áreas próximas à divisa com o Piauí e na extensão do Rio São Francisco, aparecendo com notável frequência nos pontos 1 – Afrânio, 2 – Petrolina, 3 – Santa Maria da Boa Vista, 4 – Ouricuri e 5 – Serra Talhada, mas com registros isolados no Agreste.

A variante "peteca", por sua vez, apresenta distribuição significativa ao longo da faixa central do estado, estendendo-se até a Região Metropolitana, com concentração acentuada em pontos do Agreste e do Sertão do Estado.

A denominação "estilingue" aparece principalmente na região leste do estado, com maior incidência em localidades próximas à Zona da Mata e à Região Metropolitana do Recife. No entanto, essa variação não se mostrou acentuada, limitando-se a ocorrências isoladas.

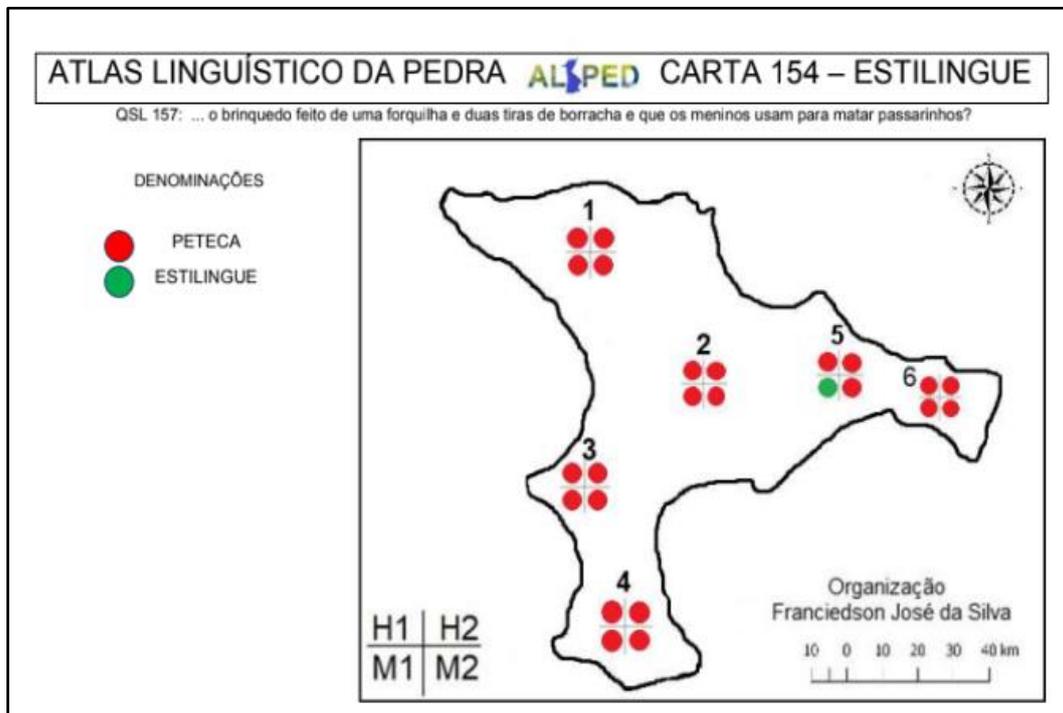
Enquanto isso, a variante "bodoque" apresenta ocorrências ainda mais limitadas e dispersas, fazendo parte, sobretudo, do conhecimento de falantes com curso superior inquiridos na capital pernambucana, mas também coexistindo com outras variantes.

Convém mencionar a existência de diversos pontos de inquérito em que há coocorrência de duas ou mais variantes, indicando zonas de transição linguística ou áreas em que diferentes denominações competem pelo mesmo referente. Essa situação é particularmente evidente na região central do estado, em que "peteca" e "estilingue" foram registradas no mesmo ponto de inquérito.

A distribuição geográfica dessas variantes parece correlacionar-se com fatores históricos de povoamento e vias de comunicação, sendo possível identificar isoglossas que acompanham aproximadamente as divisões geográficas naturais do estado, como o curso do Rio São Francisco e as transições entre Agreste e Sertão.

Na análise de atlas de pequeno domínio, consta a variação analisada no Atlas Linguístico do município da Pedra (Silva, 2018). Lá foram registradas as variantes "estilingue" e "peteca", mas a segunda se mostrou quase categórica nos seis pontos de inquérito, ratificando a predominância do sentido atribuído pelo pernambucano. A figura 4, na sequência, ilustra a interpretação.

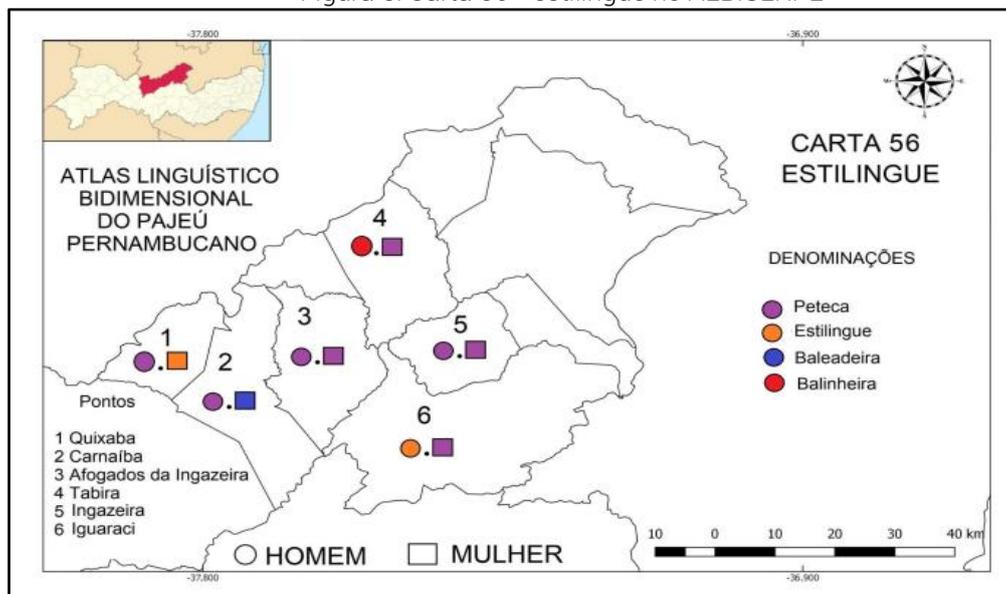
Figura 4: Carta 154 - estilingue no ALiPED



Fonte: Silva (2018)

A Carta 56 do Atlas Linguístico Bidimensional do Pajeú Pernambucano (Sá et al., 2019), por sua vez, ilustra a distribuição geográfica das variantes lexicais "estilingue", "peteca", "baleadeira" e "balinheira" em diferentes localidades da microrregião para denominar o brinquedo de tiras de borracha usado para matar passarinho. A figura 5, na sequência, apresenta a carta onde se delimitam essas variantes.

Figura 5: Carta 56 - estilingue no ALBISERPE



Fonte: Sá et al.(2019)

A carta disposta na figura 5 mostra a variante "peteca" com uma distribuição significativa, registrando-se em todos os pontos de inquérito, confirmando, assim, a sua categoricidade no Pajeú pernambucano.

Já a variante "baleadeira" mostra uma presença mais reduzida, limitando-se a ocorrências proferidas pelas mulheres do ponto 2 - Carnaíba. Tal limitação ainda ocorre com a variante "balinheira", registrada pelos homens do ponto 4 – Tabira. Enquanto isso, a variante "estilingue", que corresponde à forma dicionarizada e mais difundida nacionalmente, também apresenta menor frequência na microrregião, ocorrendo em dois pontos – Quixaba (ponto 1) e Iguaraci (ponto 6).

A carta evidencia uma clara distribuição diatópica, cuja escolha lexical para designar o mesmo referente varia significativamente conforme a localização geográfica. Por isso, a predominância da variante "peteca" no território analisado confirma a peculiaridade linguística regional independente do sexo do falante.

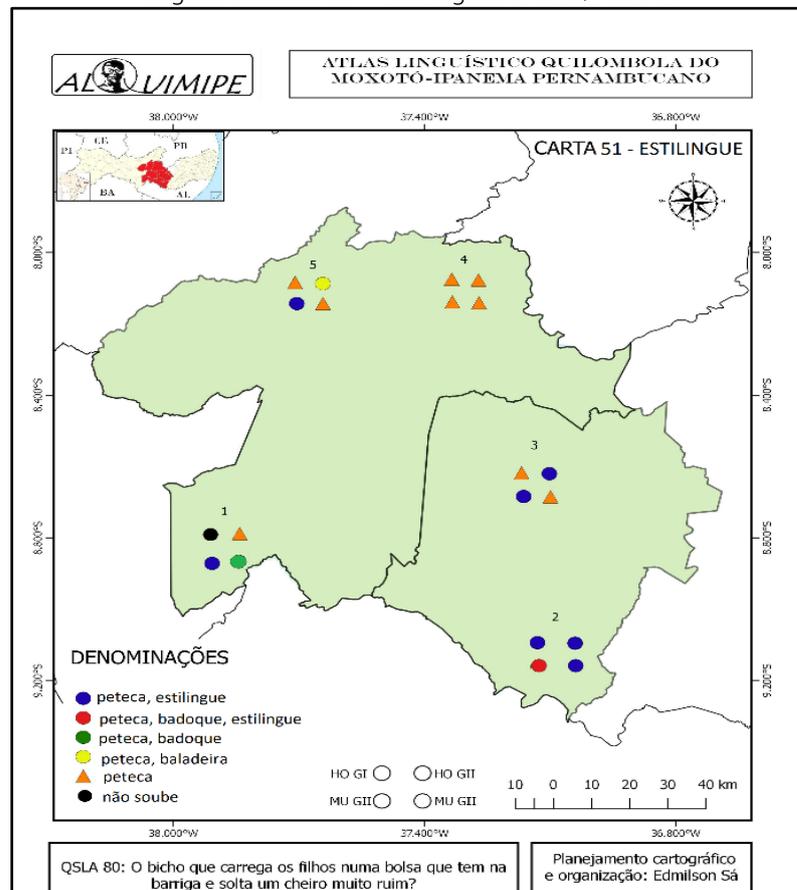
### O que mostram os estudos em comunidades tradicionais do Estado de Pernambuco?

Em Pernambuco, dois projetos de atlas linguísticos consistem na documentação de dados coletados em comunidades tradicionais. O primeiro, já concluído, apresenta o produto de inquéritos realizados em comunidades

quilombolas no Atlas Linguístico Quilombola do Moxotó-Ipanema Pernambucano (ALQUIMIPE) (Sá, 2018).

Em relação às denominações para "estilingue", a figura 6, focada na variação lexical, ilustra a carta 51 na qual é possível observar uma clara predominância da denominação "peteca", que aparece categoricamente nos cinco pontos de pesquisa, seja como única resposta para os quatro informantes perceptível no ponto 4 – Quilombo Riacho dos Porcos (Sertânia) ou em cocorrência com outras variantes como ocorre nos demais pontos de inquérito.

Figura 6: Carta 51 - estilingue no ALQUIMIPE



Fonte: Sá (2018)

No ponto 5 – Quilombo Buenos Aires (Custódia), há uma maior diversidade lexical, com ocorrências de "peteca" e outras respostas como "baladeira" e "estilingue", além do registro isolado de "peteca".

Já no ponto 3 – Quilombo Mundo Novo (Buíque), observa-se a combinação "peteca" e "estilingue", coexistindo com "peteca" isolada. Já no ponto 2 – Sítio Quilombo (Águas Belas), predominam as variantes "peteca" e "estilingue", com

uma informante do sexo feminino que mencionou três variantes: "peteca", "badoque" e "estilingue", demonstrando maior variação lexical.

No ponto 1, Quilombo Poço Dantas (Inajá), encontram-se as combinações "peteca" e "estilingue", seguida de "peteca" e badoque", além da ocorrência "peteca", proferida pelo falante do sexo masculino com a segunda faixa etária e da única resposta não computada.

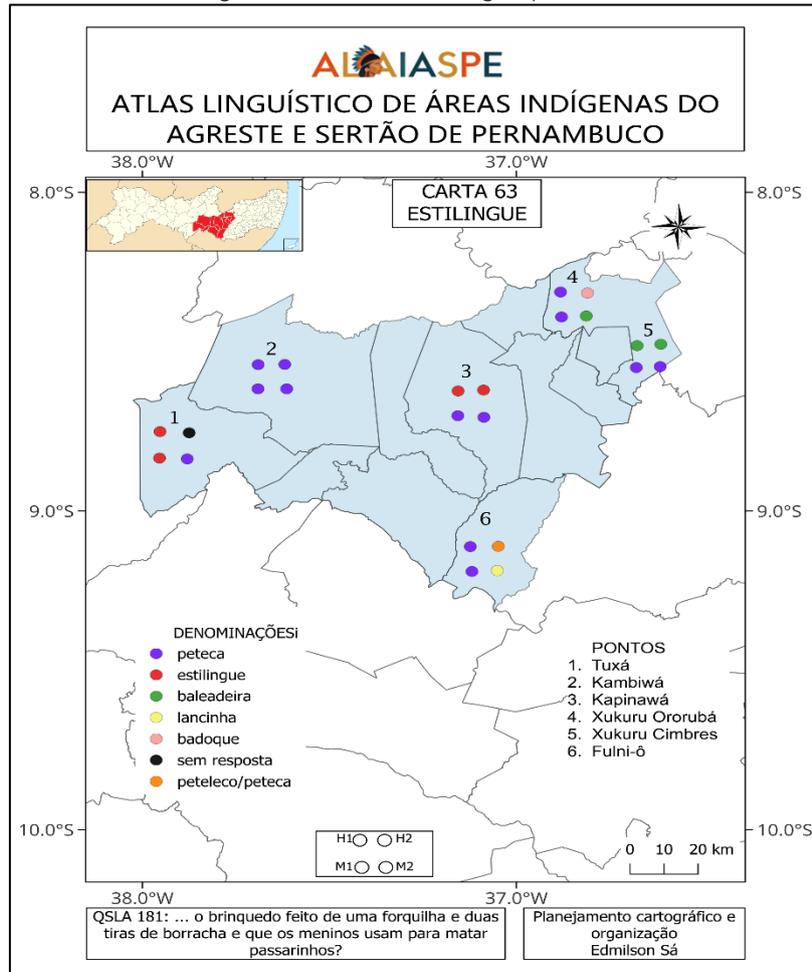
A carta 51 revela, portanto, particularidades lexicais das comunidades quilombolas, evidenciando a forte presença da variante tupi "peteca" para designar o "estilingue", o que sugere uma preservação linguística específica dessas comunidades, possivelmente relacionada à proximidade com as comunidades indígenas próximas de todos os pontos de inquérito e à combinação de traços culturais que essas comunidades preservam.

A coleta para catalogação das denominações para "estilingue" também ocorreu em áreas indígenas na iminência de fazer parte do Atlas Linguístico de Áreas Indígenas do Agreste e Sertão de Pernambuco – ALAIASPE, ainda em fase de construção.

A pesquisa, já concluída, ocorreu em aldeias de seis povos, que constituem os pontos de inquérito: 1 – Tuxá (Inajá), 2 – Kambiwá (Ibimirim), 3 – Kapinawá (Buíque), 4 – Xukuru de Cimbres e 5 – Xukuru do Ororubá (Pesqueira) e 6 – Fulni-ô (Águas Belas), com informantes dos sexos masculino e feminino, divididos equitativamente em duas faixas etárias – de 18 a 40 anos e a partir de 55 anos, com ensino básico completo.

A figura 7 apresenta a carta com as denominações para o brinquedo segundo os resultados dos inquéritos.

Figura 7: Carta do estilingue para o ALAIASPE



Fonte: Sá (2025)

A análise das variantes lexicais para "estilingue" nas aldeias indígenas, conforme a carta 63 disposta na figura 7, revela padrões de variação dialetal que evidenciam a diversidade linguística no contexto indígena.

As variantes encontradas incluem "estilingue", "baleadeira", "badoque", "peteca", "peteleco" e "lancinha", distribuídas de maneira distinta entre os grupos estudados. No ponto 5, houve três ocorrências de "estilingue" - Xukuru (Cimbres), enquanto "peteca" é mais acentuada no ponto 4 – Xukuru (Ororubá), e "baleadeira" e "badoque" surgem com menor frequência.

No ponto 3 – Aldeia Kapinawá, "estilingue" foi registrada pelos informantes do sexo masculino, enquanto "peteca" se destaca como a forma predominante para os falantes do sexo feminino. Já entre os Kambiwá (ponto 2), "peteca" mantém sua predominância, enquanto "baleadeira" aparece em apenas uma ocorrência na fala do homem da segunda faixa etária. O mesmo ocorre com o ponto 1 – Aldeia Tuxá, em que "estilingue" é mencionado pelos falantes da

primeira faixa etária, mas "peteca" se mantém na dianteira, semelhantemente ao que fora percebido nos resultados dos inquéritos realizados na Aldeia Fulni-ô, já que "lancinha" aparece unicamente na fala da mulher da segunda faixa etária.

De maneira geral, a variante "peteca" demonstra um uso mais amplo, enquanto "estilingue" se mantém registrada, especialmente em Xukuru de Cimbres. "Baleadeira" e "badoque", por sua parte, apresentam aparições mais esporádicas, sugerindo inibição nas comunidades analisadas. A presença da variante "peteleco" sugere o agrupamento à variante mais produtiva - "peteca" e "lancinha" indica possível desconhecimento da denominação do brinquedo questionado.

De fato, o predomínio de "peteca" pode estar associado a adaptações lexicais decorrentes das próprias influências culturais das comunidades indígenas, enquanto "estilingue" representa uma forma de uso mais generalizado, uma vez que se trata de uma variante provavelmente trazida à América pelos europeus<sup>6</sup>. A variação entre as aldeias demonstra a relevância dos estudos dialetológicos no contexto indígena, destacando a influência de fatores sociais e históricos na escolha lexical e na manutenção das variantes linguísticas nas comunidades pesquisadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise da unidade lexical "peteca" em Pernambuco, este estudo buscou lançar luz às marcas do contato interétnico e dos processos de manutenção, inovação ou substituição lexical nas diferentes regiões do estado. A investigação, fundamentada nos princípios da Geolinguística e da Dialectologia e da Etnolinguística, permitiu identificar traços na distribuição espacial do termo, cotejar substratos indígenas em sua constituição semântica e compreender os efeitos da territorialidade sobre sua dinâmica lexical.

Os resultados obtidos revelam a complexidade e a riqueza da variação linguística em Pernambuco, demonstrando como fatores históricos, geográficos, sociais e culturais se entrelaçam para moldar o léxico regional. A unidade lexical "peteca", com sua origem nas línguas indígenas do tronco *tupi*, assume diferentes

---

<sup>6</sup> Do inglês *sling* (funda) (Houaiss, 2009).

significados e distribuições no estado, refletindo os processos de contato linguístico e cultural que marcaram a formação do português brasileiro.

A Geolinguística e a Dialectologia, que embasaram a distribuição espacial das variantes lexicais, permitiram identificar padrões geográficos significativos. Assim, coube à variante "peteca" uma distribuição predominante na faixa central do estado, estendendo-se até a Região Metropolitana, enquanto outras variantes como "baladeira" e "estilingue" mostram distribuições mais restritas a determinadas regiões, segundo observado nos atlas urbanos. Logo, a maneira como as palavras se espalham pelo espaço geográfico mostra uma forte relação com a história do povoamento e as rotas de comunicação, evidenciando que o território é um fator determinante na variação do vocabulário.

A Etnolinguística, por sua vez, contribuiu para a compreensão dos aspectos culturais e históricos que permeiam o uso da unidade lexical "peteca". Nesse sentido, a investigação em comunidades tradicionais, como quilombolas e indígenas, ratifica a forte presença da variante tupi "peteca" para designar o "estilingue", sugerindo uma preservação linguística específica dessas comunidades.

A prevalência dessa variante em comunidades quilombolas ecoa a proximidade histórica e cultural dessas comunidades com os povos indígenas, haja vista que essa denominação também predominante entre eles e servindo um elo que os conecta às suas raízes culturais e à sua herança. A análise dos atlas linguísticos, tanto em nível nacional quanto regional, corrobora a importância desses instrumentos para a documentação e o estudo da variação linguística.

Espera-se que os resultados desta pesquisa possam fomentar novos estudos sobre a diversidade linguística brasileira, bem como contribuir para a valorização e a preservação do patrimônio linguístico e cultural do país.

## REFERÊNCIAS

ASENSIO, M.O. *Gran diccionario español portugués, português espanhol*. Espasa Calpe, 2001

BAUMAN, R. e SHERZER, J. The Ethnography of Speaking. *Annual Review of Anthropology*, vol. 4, 1975, pp. 95–119.

CALAME-GRIAULE, G. Ethnologie et langage. In: CALAME-GRIAULE, G. *Des cauris au marché: Essais sur des contes africains*. (Publié avec le concours du Centre national des Lettres.) Paris : Société des Africanistes, 1987.

- CAMBRIDGE ESSENTIAL ENGLISH DICTIONARY. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- CARDOSO, S. A. M. et al. *Atlas Linguístico do Brasil: cartas linguísticas 1*. Londrina: Eduel, 2014.
- CARDOSO, S. A. M. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CASCUDO, L. da C. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11. ed. São Paulo: Global, 2001.
- COLLINS Dicionário Inglês - Português / Português - Inglês. 1. Ed. São Paulo: Collins, 2005.
- CRUZ, M. L. de C. *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM*. Tese (Doutorado em Letras). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.
- DURANTI, A. *Linguistic anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- HYMES, D. *Foundations in Sociolinguistics: An Ethnographic Approach*. London: Tavistock Publications Limited, 1974.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LYRA FILHO, J. *Introdução à sociologia dos desportos*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.
- MEILLET, A. Bull. de la Soc. de Ling. de Paris, t. XXX, 1929. In: POP, S. *Aperçu historique sur le développement de la dialectologie*. Vols.1. Louvain : Chez l'auteur. Gembloux, 1950.
- MILROY, L.; GORDON, M. *Sociolinguistics: method and interpretation*. Oxford: Blackwell, 2003.
- NAVARRO, E. de A. *Dicionário de tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil*. São Paulo: Global, 2013.
- NOMISO, C. M. *Possibilidades da cultura japonesa na prática pedagógica: um caso a ser estudado*. Dissertação (Mestrado profissional - Docência para a Educação Básica) - Universidade Estadual Paulista (UNESP). Faculdade de Ciências de Bauru, Bauru, 2022, 160p.
- POP, S. *Aperçu historique sur le développement de la dialectologie*. Vols.1 e 2. Louvain : Chez l'auteur. Gembloux, 1950.
- RANDOM HOUSE WEBSTER'S COLLEGE DICTIONARY. Random House. New York, 1997.
- RAZKY, A.; RIBEIRO, C. M. da R.; SANCHES, R. D. *Atlas linguístico do Amapá*. São Paulo: Labrador, 2017.

SÁ, E. J. Atlas Linguístico de Áreas Indígenas do Agreste e Sertão de Pernambuco. Relatório de Pós-Doutorado. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2025.

SÁ, E. J. de et al. *Atlas Linguístico Bidimensional do Sertão do Pajeú Pernambucano*. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa). Arcoverde: CESA, 2019.

SÁ, E. J. de. *Atlas Linguístico de Pernambuco*. Tese (Doutorado em Letras). João Pessoa: UFPB, 2013.

SÁ, E. J. de. *Atlas Linguístico Quilombola do Moxotó-Ipanema Pernambucano (ALQUIMIPE)*. Relatório de Pós-Doutorado. Belém: Universidade Federal do Pará, 2018.

SALLES, J. G. do C; MOTTA, I.; PEREIRA JÚNIOR, C. C. Peteca. In: COSTA, L. P. da (org). *Atlas do Esporte no Brasil*. Shape: Rio de Janeiro, 2005.

SALVADOR, G. *Lexicografía y geografía lingüística*. REL, 10,1 1980.

SANCHES, R. *Atlas Linguístico dos Karipuna do Amapá*. 1. ed. Rio Branco - AC: NEPAN, 2020.

SAPIR, E. Le langage. *Introduction à l'étude de la parole*. Québec: Édition électronique réalisée en 2001.[1921]

SILVA, F. *Atlas Linguístico da Pedra*. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa). Arcoverde: CESA, 2018.

SILVA-CORVALÁN, C. *Sociolingüística: teoria y análisis*. Madrid: Editorial Alhambra, 1989.

SOBIERAJSKI, J. L. *Política do Direito Desportivo Brasileiro*. Dissertação (Curso de Pós-Graduação em Direito). Santa Catarina. UFSC. 1997.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. Série Princípios, São Paulo: Ática. 1986.

THUN, H. O português americano fora do Brasil. In: GÄRTNER, E.; HUNDT, C.; SCHÖNBERGER, A. (Org.). *Estudos de geolingüística do português americano*. Frankfurt am Main: TFM, 2000. p. 185-227.

THUN, H.; ELIZAINCÍN, A. *Atlas diatópico y diastrático del Uruguay (ADDU)*, I, 1-2, Kiel: Westensee-Verlag, 2000.

WEINREICH, U. *Is a structural dialectology possible?* Word v.10, n.4, New York: Linguistic Circle of New York. 1954.pp.388-400.